

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Nome da Escola ou Faculdade de Ensino Superior

Sociopsicologia

Maria Rita Araujo Rocco

A praxiologia de Freud

São Paulo - SP

2021

Maria Rita Araujo Rocco

A praxiologia de Freud

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de Artigo Científico, apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), como exigência para conclusão do curso de Pós-graduação em Sociopsicologia, sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Alencar.

São Paulo - SP

2021

Maria Rita Araujo Rocco

A praxiologia de Freud

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de Artigo Científico, apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), como exigência para conclusão do curso de Pós-graduação em Sociopsicologia, sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Alencar.

Data de aprovação:

_____/_____/_____.

Banca examinadora:

Rodrigo Estramanho de Almeida, Doutor, Fundação Escola de Sociologia e Política.

RESUMO

Este artigo consiste em um exercício de aproximar a psicanálise de Freud à Teoria da Prática proposta por Bourdieu para análise de fenômenos sociológicos. Em outras palavras, Freud quando concebeu uma teoria para tratar doenças da psique agiu segundo preceitos que Pierre Bourdieu iria sistematizar anos mais tarde. Por meio da contextualização de cientificidade da época e das articulações sobre os estudos da histeria, localizamos o conhecimento de Freud como uma antecipação da praxiologia.

ABSTRACT

This article consists of an exercise to bring Freud's psychoanalysis closer to the Theory of Practice proposed by Bourdieu for the analysis of sociological phenomena. In other words, when Freud conceived a theory to treat illnesses of the psyche, he acted according to precepts that Pierre Bourdieu would systematize years later. Through the contextualization of the scientificity of the time and the articulations about the studies of hysteria, we locate Freud's knowledge as an anticipation of praxeology.

Keywords: psychoanalysis, sociology, praxiology, objectivism, subjectivism, hysteria

1. A Teoria da Prática

A busca dos teóricos sociais por métodos que estabelecessem a cientificidade da Sociologia, resultou nas discussões que colocavam o objetivismo de um lado e o subjetivismo do outro. No início dos anos 80, uma série de teóricos tentou sintetizar as diferentes perspectivas sociológicas precedentes (SILVA, 1996). O sociólogo Pierre Bourdieu escreveu sobre muitos temas ao longo de sua vida: desde cultura, arte, mídia à linguística. E, mesmo assim, ao observar seus trabalhos, podemos notar o fio conector que é sua defesa da falsa oposição entre os métodos de observação subjetivos e objetivos. Bourdieu inovou justamente quando estabeleceu que a relação que existe entre esses modos de observação seria *dialética* e não de excludência. Ele também propôs com essa relação um novo método de observação: o método praxiológico.

Segundo Bourdieu, ambos modos de observação possuem contribuições relevantes, mas também têm suas limitações (1994). Ele considera como objetivista o estruturalismo de Ferdinand Saussure e a sociologia de Durkheim, que designam aos seres sociais submissão aos sistemas objetivos de representações, como exemplo das normas ou da língua. Ou seja, esse modo de observação exclui as dimensões mentais e corporais da relação do sujeito com o mundo, a capacidade de sentir, agir e pensar dos indivíduos, como se houvesse uma hierarquia na qual as estruturas objetivas ocupariam o topo da pirâmide. A crítica que Bourdieu faz à perspectiva objetivista toma como exemplo a linguística saussuriana, que estabelece uma estrutura de relações irreduzíveis e, por isso mesmo, incapazes de explicar a modificação e resignificação da língua com o passar do tempo, e as reorganizações sociais. A relação observada pelo linguista entre significantes e significados é arbitrária e inflexível "às práticas dentro das quais ele se realiza e se manifesta" (BOURDIEU, 1994, p. 48), revelando assim um afastamento do contexto sócio-histórico, sobre o qual Bourdieu afirma limitar o modo de observação objetivista:

"Por exemplo, se as associações entre som e sentido estabelecidas na língua como estrutura gerativa são condições *necessárias* da fala, elas estão longe de serem suas condições *suficientes*. Como revelaram abordagens interpretativas, tais quais a análise conversacional e a pragmática da

linguagem, as falas só são possíveis porque os agentes adaptam às regras estruturais da língua, de modo inventivo, aos seus contextos pragmáticos de uso." (PETERS, 2020).

Por outro lado, Bourdieu também apresenta limitações ao modo subjetivista que está limitado ao conhecimento tácito e da prática, ou em outras palavras, das motivações que impulsionam as ações dos indivíduos no mundo social. Ainda assim, o subjetivismo se mostra eficaz em demonstrar como essas práticas cotidianas são apreendidas de formas não estruturadas, mas ao mesmo tempo são reproduzidas como se fossem. Como exemplo dessa característica, temos a gramática e a forma como o uso das suas regras é realizado e partilhado de maneira aparentemente natural para fins da comunicação, ainda que em algumas situações as regras e ordenações não podem ser explicitadas por aqueles que as praticam. Isso posto, Bourdieu observa que há uma força motriz de produção e manutenção das estruturas objetivas, visto que elas são apreendidas e reproduzidas como descrito de modo subjetivo.

Dessa maneira, notamos um movimento duplo entre indivíduo e sociedade, como se não houvesse a hierarquia objetivamente. Esta é a síntese de Bourdieu que estabelece uma "teoria da prática onde o agente social é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global" (ORTIZ, 1994, p.19). Desta conclusão, Bourdieu estabelece a noção de *habitus*:

"*Habitus* que são produtos de diferentes *modos de engendramento*, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas, e inversamente." BOURDIEU, 1994, p.72

Habitus são, portanto, produtos das estruturas constituídas em circunstâncias gerais de um determinado meio social e que, ao mesmo tempo, produzem condições de existência para a ação dos agentes sociais.

2. A ciência na época de Freud

À primeira vista, ao remontar a trajetória de Sigmund Freud na profissão de médico, pode-se pensar que sua atuação se limitou ao ambiente exclusivamente racional e objetivo da medicina. Dela, resultaram as intenções nunca alcançadas de Freud para a psicanálise como uma ciência natural, com um método científico e também da prática da psicanálise como tratamento. Mas, quando se leva em consideração as trocas com seus pares médicos, suas ações práticas e reflexões, surge um importante contexto que serve de pano de fundo para expandir essa discussão.

Conforme Marcondes (1931), depois de ter se graduado em Medicina, Sigmund Freud começou a se dedicar aos estudos de neuroanatomia com o psiquiatra e anatomista Theodor Meynert. De acordo com Parker (2006), entre 1876 e 1882, Freud teve a grande influência da vertente positivista de Ernst Brücke, líder no laboratório de fisiologia onde trabalhou. Essa vertente buscava explicar as forças desconhecidas que impulsionam os fenômenos biológicos. Freud também foi aprendiz de Jean-Martin Charcot entre 1885 e 1886, quando conheceu o método hipnótico. Em 1891, Freud já escrevia seu primeiro artigo sobre os processos psicolinguísticos em "*Sobre a concepção de afasia: um estudo crítico*". Neste texto dissertou sobre a histeria como uma lesão das representações. Somente em 1893, Freud publicou os primeiros estudos que esboçaram os conceitos que hoje são chamados de "psicanalíticos". A partir da observação clínica e de sua parceria com o médico Josef Breuer, escreveu os livros "*Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos*" e "*Estudos Sobre a Histeria*".

A psicanálise de Freud que buscava sintetizar suas interpretações empíricas às experiências e aos exames clínicos dos pacientes, acaba se aproximando de um modo praxiológico de observação. Pois bem, no processo de se provarem científicas, tanto sociologia quanto a psicanálise encontram limitações para o desenvolvimento de seus respectivos métodos de investigação. Seguindo isto, os estudos sobre a histeria podem dar mais indícios para compreensão das afeições (hipotéticas) de Freud como um sociólogo bourdieusiano de seu tempo e da produção científica de maneira geral.

3. Histeria

Primeiro é importante mencionar que dos estudos sobre a histeria serão abordados apenas pontos que tem a ver com o tema deste trabalho, não é uma ambição realizar sua etiologia. Logo, deve-se retomar o primeiro emprego Freud depois de formado com o anatomista do cérebro, Theodor Meynert. Segundo GARCIA-ROZA (1987), no século XIX para a psiquiatria, a única possibilidade de incluir a medicina no campo das ciências exatas seria evidenciar através de exames anatômicos as lesões de distúrbios da mente. Partindo desta pretensão de ciência natural, os estudos sobre histeria se pautavam em uma suspeita de que a causa histórica estaria originada no corpo, especificamente no corpo feminino, pois até então havia-se deparado apenas casos em mulheres. De acordo com BOCCA (2011) Meynert, desafiou Freud a encontrar um caso masculino de histeria, que resultaram no texto de 1886, *Observações de um Caso Grave de Hemianestesia em um Homem Histérico*, em que Freud relata não somente aspectos físicos da patologia histórica, como descreve em detalhes o histórico do paciente e da família, em cuja mais seis irmãos sofriam da mesma condição. Dessa maneira, Freud obteve a validação de que a doença não estaria originada no corpo biológico feminino. Contudo, permanecia a suspeita ligada à hereditariedade e fisiologia da instauração dessa patologia, que se tornou menos cogitada quando o hipnotismo de Breuer e Charcot ganhavam relevância para Freud.

Charcot foi vanguardista ao dizer que essa patologia estaria para além das investigações anatômicas e que então, o conjunto de sinais que os pacientes apresentavam seria suficiente para definir a histeria, sem exceção. Porém, em 1893, novas evidências levantadas também por Charcot, de novos sintomas em seus pacientes que nunca antes foram apresentados para casos históricos mudaram mais uma vez o rumo dos estudos. Freud elabora uma nova suposição qual a fonte dos sintomas estaria ligada ao produto de afetos e suas respectivas cadeias de representações. Quer dizer, a histeria possuiria uma representação psíquica derivada das experiências afetivas dos indivíduos com o mundo exterior. Essa estimativa demandou uma investigação do desaparecimento dos sintomas através da hipnose e do surgimento dos mesmos pela repressão, inibição, exagero na vida social a qual Charcot se referiu: "o estado hipnótico reproduz de alguma maneira o estado histórico." (PARKER, 2006 p. 31)

"Sua explicação passou a consistir na consideração de que uma ideia ou concepção de braço, ou de partes dele, fica por algum motivo excluída das demais representações das demais partes do corpo." BOCCA, 2011

Foi justamente nesse período (1895) que Freud realizou estudos sobre o caso de Anna O. ao lado de Breuer, em seu pragmático relato sobre a jovem paciente que não apresentava nada de anormal "ao exame objetivo, mas que sofreu, no entanto, violentos abalos emocionais" (FREUD, 1910, p. 8) e que foi diagnosticada como histérica. Freud pôde observar a condução do Dr. Breuer, seu interesse, simpatia e os processos da hipnose. A paciente costumava relatar fantasias sobre o pai, tendo o adoecimento dele como ponto de partida e ao final deste processo, se sentia mais aliviada e podia seguir sua rotina. O mais importante neste caso foi o desaparecimento da hidrofobia após uma sessão de hipnose cujo um fato da vida social da paciente estava associado ao objeto de fobia (água). Neste momento, não havia nada tão concreto assim nos atendimentos de Breuer "determinados pelas cenas cujas lembranças representavam resíduos, não havendo já necessidade de considerá-los como produtos arbitrários ou enigmáticos da neurose." (FREUD, 1910, p. 10.)

"Em seus estudos sobre afasia, a consciência, por Freud, de que a mente não apenas era violentamente cindida por diferentes representações, e de que havia a possibilidade de se falar em níveis de representação como que demarcando diferentes regiões do pensamento e variedades do processo mental acabaram por conduzi-lo ao inconsciente." (PARKER, 2006, p. 29)

Segundo BOCCA (2011), adicionada a essa descoberta das associações, a investigação de Freud apontou para além das experiências, parte da teoria psicanalítica se deu por meio das lembranças das experiências, do conteúdo sexual dessas lembranças e, mais especificamente, da sexualidade infantil. Ian Parker (2006) diz que o sentido de *self*¹ de Freud se separava em fragmentos de conflito com o mundo exterior. A perversidade polimorfa da criança, por exemplo, é produto de suas

¹ De acordo com o dicionário de psicanálise: "A noção de self (si mesmo) foi depois empregada para designar uma instância da personalidade no sentido narcísico: uma representação de si por si mesmo, um auto-investimento libidinal." (ROUDINESCO, 1998, p.699.)

relações com o outro, tanto para sua realização quanto para limitação de seus desejos.

"[...] as concepções psicanalíticas de jogo entre sociedade e desejo desconstroem uma oposição simples entre o jogo fenomenológico interno e o condicionamento estrutural[ista] interno." (PARKER, 2006, p.233).

4. Um breve debate

Na 35ª Conferência Introdutória à Psicanálise, Freud disserta sobre a *Weltanschauung*, um termo que não é traduzido mas explicado pelo próprio autor como uma visão de mundo, um conhecimento intelectual que garante a segurança para tomada de ações a partir dela, sem dúvidas. Esta visão divide-se em: *Weltanschauung* científica e *Weltanschauung* não-científica. Este contexto é importante pois a intenção de cientificidade para psicanálise não correspondia a esse tipo de visão, visto que, não poderia responder a todas perguntas que se compromete uma *Weltanschauung*. Em "Introdução ao Narcisismo", Freud elabora mais detalhadamente sua a concepção de ciência e da psicanálise como método investigativo. Para ele, a ciência é edificada sobre a interpretação empírica e que todas suas concepções provisórias serão estruturadas, um dia, em pilares orgânicos (substâncias e processos químicos). (1914). Assim dizendo, Freud sabia que deveria se comprometer com os preceitos racionalistas da *Weltanschauung* científica, mas também acreditava serem relevantes aspectos subjetivos considerados pela *Weltanschauung* não-científica.

Freud localiza o conhecimento psicanalítico como científico já que ignora tudo que não é fruto de pesquisa, inclusive, exhibe uma crítica ao considerar que "o intelecto e a mente são objetos de pesquisa científica exatamente da mesma forma como são as coisas não-humanas." (FREUD, 1933, p.106). A filosofia, arte e outros campos da *Weltanschauung* não-científica compartilham dessa 'coisa humana' que Freud se refere e dessa forma também não deveriam pertencer a outra categoria que não fosse a da ciência. Freud reforça o compromisso que deve haver com o campo das ilusões e dos desejos, que não seriam conhecimento constituído, mas poderiam ser base para construção de um conhecimento outro, "uma disciplina apropriada a lidar com o mal-estar" (BEER, 2017, p.54). Retomando a Teoria da Prática e sua crítica à observação

saussuriana, para Bourdieu "uma ciência que tem por objeto aquilo que a torna possível, como língua e cultura, não pode constituir-se sem constituir suas próprias condições de possibilidade." (BOURDIEU, 1994, p.51) para Freud, não seria possível constituir uma psicanálise sem considerar sua 'coisa humana'. De maneira breve, a visão de ciência nessa época em que Freud está elaborando a teoria psicanalítica não poderia contemplar o que ele propunha em sua plenitude e colocava em dúvida sua investigação sobre os sujeitos. Por outro lado, a *Weltanschauung* científica desse período poderia sim categorizar uma teoria objetivista como a de Saussure para a semiótica e linguística.

Dado o contexto científico da época de Freud e analisando como uma ciência objetivista, a psicanálise não poderia ser classificada como tal, pois levou em consideração as condições de existência dela, a capacidade dos indivíduos de ser, agir e pensar, ou seja, a relação de nossas práticas com o mundo social. Tão pouco, poderíamos classificar as metodologias de Freud como subjetivistas, visto que, além dos exames biológicos, os estudos sobre histeria foram elaborados considerando os aspectos histórico-sociais da sexualidade do século XIX e XX da Europa e trazendo a esta noção uma nova colocação no pensamento científico deste período.

Assim dizendo, Freud já observava seu objeto de maneira praxiológica antes mesmo da proposta de Teoria da Prática de Pierre Bourdieu, em um movimento duplo entre um lado de dentro e um lado de fora, da "exteriorização do mundo interior e a interiorização do mundo exterior" (BOURDIEU 1914, p.46.) Ainda, a pureza da ciência por vezes deslegitima o pensamento e o saber, Theodore Adorno (1968) em suas aulas introdutórias de sociologia questiona se a necessidade da Sociologia demonstrar seu caráter científico e por consequência garantir seu direito de existência estaria diretamente ligado ao valor que essa disciplina possui. Muitas vezes, Adorno teve seu trabalho questionado por não ser "puramente Filosofia, nem puramente Sociologia" (ADORNO, 1968, p.290).

5. Considerações finais

No presente trabalho, tentamos rerepresentar a ideia da Teoria da Prática de Pierre Bourdieu e sua proposta de resolução aos debates existentes entre teorias sociais de abordagem objetivista e subjetivistas. Por meio de suas conclusões a respeito das práticas de cada método, Bourdieu apontou tanto as limitações quanto a

eficácia das formulações de cada abordagem. Com isso, surgiu a proposta praxiológica de observação da sociedade, sendo essa uma postura de integração para a análise das estruturas macro, como condições de existência para as ações do sujeito, na mesma medida das questões micro, que levariam em conta a dimensão subjetiva dessas ações, e, por fim, a desconstrução do aspecto hierárquico que as outras postulações sociológicas apresentavam.

A constituição da teoria psicanalítica, que surgiu a partir das pesquisas de Freud sobre a histeria, se deu em um arranjo social racionalista da medicina e do universo positivista, próprios à época em que isso acontece. Ao mesmo tempo, esse fato foi determinante para os rumos tomados pela psicanálise, diferentes das pretensões exclusivamente biológicas que a medicina se propunha. Das suspeitas de uma origem corporal da doença à compreensão através de evidências subjetivas, de representações baseadas nos relatos de cada indivíduo. Foi justamente quando Freud considerou os aspectos subjetivos para a análise dos casos clínicos que foram fundamentados os aperfeiçoamentos das ideias psicanalíticas que vieram em seguida. Por isso, quando Freud fundamentou que a psicanálise seria um método de investigação antecipou algumas colocações do método de investigação social praxiológico de Bourdieu. Assim, o presente artigo não define Freud como um sociólogo, mas como um precursor da abordagem sociológica.

Este exercício de toma-lo como exemplo de praxiologia, apontou também para uma reflexão a respeito da Ciência e a categorização das disciplinas, da produção de conhecimento versus a deslegitimação do saber científico que não correspondente à uma categoria previamente determinada.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. (1968) **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.
- BEER, P. **Psicanálise e ciência: um debate necessário**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 50-54.
- BOCCA, Francisco Verardi. **Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud**. *Psicologia. USP*, Dez 2011, vol.22, no.4, p.879-906. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000400010&lng=pt&nrm=iso Acessado em: 28 novembro de 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 1-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- FREUD, Sigmund. (1969). **Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- FREUD, Sigmund. (1976). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado em 1932-1936).
- FREUD, Sigmund. (1910[1909]). **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Volume XI. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund. (2010). **Introdução ao narcisismo**. In S. Freud, *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, p.19-21). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 aed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009. p. 30-34
- PARKER, Ian. **Cultura Psicanalítica: discurso psicanalítico na sociedade ocidental**. (Saulo Krieger trad.) Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- PETERS, Gabriel. A virada praxiológica, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 123 | 2020, 167-188. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/11308> Acessado em 28 de novembro de 2021.
- ROUDINESCO, E. & Plon, M. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1997).
- SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **O problema da Objetividade e da subjetividade nas teorias sociais clássicas e contemporâneas: um debate necessário**. *Mediações*, v.1, n.2, jul./dez. 1996.